A Idade de Ouro

L'Âge d'or

um filme de Luís Buñuel

com Lya Lys, Gaston Modot, Max Ernst, Pierre Prévert, Caridad de Laberdesque, Germaine Noizet, Duchange

1930 | França | 1h 02min | M/16

Sinopse

Numa ilha deserta vivem escorpiões bandidos, ao pé de esqueletos de bispos deixados ao sol. Um cortejo oficial desembarca na ilha, para celebrar o lançamento da primeira pedra da Roma imperial. A cerimónia é perturbada por um casal que se abraça e rola na lama. O homem é preso mas foge, reencontrando a amada numa festa. Enquanto isto acontece, no castelo de Selliny Cristo parece satisfeito por participar nas cerimónias dos Cento e Vinte Dias de Sodoma.

L'ÂGE D'OR

Depois de *Um Cão Andaluz*, era inconcebível realizar um daqueles filmes que já na altura chamávamos "comerciais". Queria permanecer surrealista a todo o custo. Como estava fora de questão pedir um novo financiamento à minha mãe, não havia solução. Desisti de fazer cinema.

No entanto, tinha já imaginado dezenas de ideias e situações – como uma carroça cheia de operários atravessara um salão mundano, ou um pai que mata o próprio filho com um tiro de caçadeira porque este tinha deixado cair no chão a cinza do cigarro – e anotava-as, só para o caso. Contei-as a Dalí numa viagem que fiz a Espanha. Afirmou que estava muito interessado. Estava ali um filme. Como fazê-lo?

Voltei para Paris. Zervos, dos *Cahiers d'Art*, pôs-me em contacto com Georges-Henri Rivière que por sua vez me apresentou aos Noailles, que conhecia bem e que tinham "adorado" *Um Cão Andaluz*. Comecei por responder, como ficava bem, que não esperava nada dos aristocratas. "Está enganado, disseram-me Zervos e Rivière, são pessoas fantásticas e deve absolutamente conhecê-los."

Finalmente, aceitei ir jantar a casa deles na companhia de Georges e Nora Auric. O palacete dos Noailles, na *place des Etats-Unis*, era esplêndido e continha uma colecção de obras de arte quase inconcebível. Depois de jantar, junto à lareira, Charles de Noailles disse-me:
- Propomos que realize um filme de cerca de vinte minutos. Total liberdade. Uma só condição: temos um compromisso com Stravinsky e ele fará a música.
- Lamento imenso, respondi, mas como podem imaginar que eu possa colaborar com um senhor que se põe de joelhos e dá murros no peito?
Era de facto o que se dizia de Stravinsky.
Charles de Noailles teve uma reacção que eu não esperava e que me deu o primeiro motivo para o ter em boa estima.
-Tem razão, disse-me ele sem levantar a voz. Stravinsky e o senhor são incompatíveis. Escolha então o músico que quiser e faça o seu filme. Encontraremos outra coisa para Stravinsky.
Aceitei, recebi um adiantamento sobre o meu salário e fui ter com Dalí a Figueras.
Estávamos no Natal de 1929.

Excerto retirado do livro autobiográfico *O Meu Último Suspiro*, de Luís Buñuel.

***A Idade de Ouro*: Buñuel sem Dalí**
por Alain Bergala

Buñuel diz ter renunciado ao cinema depois de *Um Cão Andaluz*, recusando, como bom surrealista que era, todos os compromissos do cinema comercial. Contudo, ele anotou uma série de ideias-piadas que contou a Dalí, que se declarou disponível para escrever com ele o seu segundo filme. Em Paris, Buñuel é apresentado aos Noailles que lhe vão propor a realização, com total liberdade, de um filme de vinte minutos do qual eles seriam os mecenas[1]. Buñuel aceita e reencontra-se com Dalí em Cadaqués, durante o Natal de 1929. Dalí tinha acabado de conhecer Gala, que era nessa altura a companheira de Paul Éluard. Buñuel detesta-a desde o primeiro encontro, e sente que ela vai interferir na sua amizade com Dalí. Num impulso irresistível, ele tenta sufocá-la sob o olhar de Dalí. Por causa desta quezília, que nunca chega a ser realmente reparada, o papel de Dalí no segundo filme de Buñuel reduz-se a algumas imagens, entre as quais a da estátua e a do homem com uma grande pedra lisa na cabeça. Jeanne Rucar, a recente noiva de Buñuel, trata das contas do filme.

Buñuel descreve assim o elenco d'*A Idade de Ouro*: "Para mim, tratava-se sobretudo de um filme sobre o amor louco, um impulso irresistível que atrai alguém para o outro, sejam quais forem as circunstâncias, um homem e uma mulher que nunca se podem unir. A articulação do desejo e do contexto social está no coração de *A Idade de Ouro*. Buñuel diverte-se com este retrato colectivo da burguesia "que não quer ver nem saber" aquilo que não lhes diz respeito. O carro de bois que atravessa a grande sala, para eles, é literalmente invisível. Quando o guarda mata o filho com um tiro por fazer cair o tabaco do seu cigarro, os convivas da festa dão uma olhadela discreta à cena, mas regressam imediatamente às suas mundanidades como se fosse um incidente sem importância. No entanto, alguns momentos depois, indignam-se com uma bofetada dada a uma dama de companhia. Cada um vê o escândalo através do filtro da sua perspectiva social. Mas o desejo, esse, pode despontar igualmente numa jovem rapariga da burguesia, num velho maestro, ou num "humanitário" em missão oficial. Manifesta-se, neste filme, sob a forma de uma magnetização irresistível entre dois seres, que cancela qualquer submissão às leis do espaço e do tempo.

Os dois personagens atraídos um pelo outro estão em comunicação física directa, e igualmente afastados um do outro. Os gestos compulsivos (a fricção masturbatória repetitiva) transmitem-se à distância, por contágio, e acabam por, literalmente, possuir as personagens. O tempo não existe para o subconsciente. O desejo não tem idade: o velho maestro é tomado por um desejo imperativo que o faz abandonar o seu papel social e enfrentar o escândalo.

Mais misteriosa, no filme, é a longa cena inicial, quase lânguida, de outro grupo social do filme, a dos bandidos (ou dos revoltados) exaustos, entre os quais podemos identificar Max Ernst e Pierre Prévert. Esta cena foi filmada numa paisagem austera que foi a de muitas pinturas de Dalí, no Cabo de Creus, no norte de Figueras. Tudo acontece como se o desejo da acção colectiva tivesse sido impedido por um imenso cansaço e apagado antes de completar a sua finalidade. Mas um desejo individual ressurge imediatamente no casal que se abraça no chão, e perturba escandalosamente a cerimónia oficial. Aos olhos de Buñuel, que é tudo menos moralista, o desejo é antissocial e pode surgir seja onde for, quando for, e em qualquer pessoa. As situações como as da festa mundana (que reencontramos em *Ele*), em que o interdito pela sociedade é o que mais está presente, sempre foram as mais propícias, nos filmes de Buñuel, ao despontar do desejo escandaloso[2].

Duas cenas de *A Idade de Ouro* contribuíram bastante para o escândalo que seguiu a sua primeira projecção. A primeira é aquela onde Lya Lys chupa voluptuosamente o dedo do pé de uma estátua. A segunda é a cena final onde Buñuel, que acabou de descobrir com deslumbramento o Marquês de Sade, cujas obras estão discretamente presentes, filma a saída do castelo de Selliny, onde se desenrola *Os 120 dias de Sodoma*. O duque de Blangis como Cristo, esgotado, é representado por um actor "especializado" no papel de Cristo.

A Idade de Ouro é um dos primeiros filmes falados filmados em França. Buñuel acredita ter inventado uma voz interior na cena em que o casal está sentado no jardim, sendo os diálogos aquilo que transmite a intimidade de uma cama: "Aproxima a tua cabeça, aqui a almofada está mais fresca. Tens sono? Que felicidade ter assassinado os nossos filhos…" A *voz off* é a de Paul Éluard.

Para a estreia do filme, os Noailles convidam Paris inteira para a sessão no cinema Panthéon. Os seus convidados e amigos, ofendidos, saem da projecção sem os cumprimentar. Eles são excluídos do Jockey--Club e ameaçados de excomunhão por terem produzido este filme. Este chega a estrear-se comercialmente, mas é proibido pelo presidente Chiappe em nome da manutenção da ordem pública, depois de críticas virulentas na imprensa, e de ataques da extrema direita na sala do Studio 28. O filme *A Idade de Ouro* permanece proibido durante cinquenta anos, tanto em França como nos Estados Unidos.

Excerto do livro *Luis Buñuel – Collection Grands Cinéastes*, Edição Cahiers du Cinéma e Le Monde, com textos de Alain Bergala.

[1] Marie-Laure e Charles de Noailles são aristocratas mecenas que produziram, na época d'A Idade de Ouro, o Mistério do Castelo de Dé de Man Ray (1929).
[2] François Truffaut lembra La Femme d'à côté (1981), onde as reminiscências do cinema de Luis Buñuel são imensas.